



LITERATURA INDÍGENA, MEMÓRIA E RESISTÊNCIA: A CASA-UNIVERSO NA OBRA DE GABRIEL GENTIL E LUÍS LANA

Larissa Lacerda Menendez (UFMT)

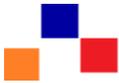
RESUMO: Neste artigo, buscamos analisar o simbolismo da casa nas culturas tukano e desana, a partir de narrativas míticas publicadas por autores indígenas dessas etnias. Como recurso metodológico, utilizamos a análise interpretativa a partir da perspectiva teórica da decolonialidade. A principal contribuição do estudo está na elucidação do simbolismo da maloca. Concluimos que esta é, portanto, ressignificada e resiste ao tempo, através da evocação das memórias.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura indígena, literatura Tukano e Desana, mitologia

INDIGENOUS LITERATURE, MEMORY AND RESISTANCE: THE UNIVERSE-HOUSE IN WORKS BY GABRIEL GENTIL AND LUÍS LANA

ABSTRACT: This paper is intended to analyze the symbolism of the house in the Tukano and Desana cultures, based on the mythic narratives published by indigenous authors of these ethnicities. As a methodological resource, we use the interpretative analysis from the theoretical perspective of decoloniality. The main contribution of this study is to elucidate the symbolism of the maloca. We conclude that this symbol is re-signified and withstands time by evoking memories.

KEYWORDS: Indigenous literature, Tukanoan and Desana literature, mythology



Introdução

Neste artigo buscamos analisar a obra literária, oriunda da produção dos escritores indígenas Gabriel Gentil (etnia Tukano) e Luís Lana, (cujo nome indígena é *Toramu Kehiri*, etnia Desana), enfocando a simbologia da casa, também denominada *maloca*, que é uma construção tradicional dos povos Tukano e Desana, da região do Alto Rio Negro, no Amazonas. A construção da casa, assim como sua estrutura arquitetônica, apresenta-se repleta de significados no universo mítico-ritual abordado nas obras desses autores.

A publicação de obras de autoria indígena constitui-se de modo ainda tímido quando pensamos na imensa diversidade cultural dos povos do Brasil e do seu potencial. Atualmente, a população indígena soma aproximadamente 305 povos e 274 línguas. As diversificadas etnias expressam, a partir da arte, como também das narrativas míticas, outras visões sobre a vida e sobre o mundo. Além de proporcionar outras perspectivas, tais publicações constituem-se como meios de afirmação cultural, política e, sobretudo, epistêmica, visto que resistem aos moldes culturais pré-estabelecidos pela sociedade colonialista.

O movimento indígena, apoiado por organizações e composto por lideranças, artistas, intelectuais de diferentes etnias, conquistou direitos nas esferas das políticas públicas. Dentre eles, pode-se destacar o direito à educação indígena, que garantiu aos povos indígenas brasileiros o acesso ao ensino bilíngue e intercultural, após a promulgação da Constituição Federal, em 1988. Paralelamente aos subsídios assegurados por lei para implementação de políticas de afirmação identitária, assistimos à disputa pela terra, acirrada por conflitos entre interesses desenvolvimentistas e modos de vida tradicionais, evidenciando a desigualdade, violência e racismo a que essas populações estão submetidas.

Embora o Brasil seja juridicamente reconhecido como um país pluriétnico e multicultural, também se observa que os estabelecimentos de ensino privilegiam a visão eurocêntrica em todas as áreas de conhecimento. A



fim de valorizar a diversidade cultural brasileira, a lei 11645/08 estabelece a obrigatoriedade de ensinar, em instituições educacionais de todos os níveis, a história e cultura afro-brasileira, africana e indígena, principalmente nas áreas de literatura e artes.

Ainda há poucos projetos e iniciativas que contribuam efetivamente para a implementação dessa lei. É necessário assegurar o acesso à informação de qualidade para aqueles que necessitam desenvolver trabalhos e desejam sensibilizar a sociedade em relação às culturas indígenas. A literatura indígena, nesse contexto, constitui-se como material importante para a tessitura de saberes que contemplem diversas perspectivas de mundo, além da colonial.

No cenário literário, há a promoção de encontros de escritores indígenas e diversas publicações que ajudam a divulgar as culturas das distintas etnias brasileiras. Podemos citar como breves exemplos a criação do Núcleo de Escritores e Artistas Indígenas (NEArIn), vinculado ao Instituto Indígena Brasileiro para Propriedade Intelectual (INBRAPI), criado por ocasião do *I Encontro Nacional de Escritores Indígenas*, ocorrido no ano de 2003, no Rio de Janeiro.

Iniciativas como essa proporcionaram a divulgação do trabalho de vários escritores indígenas, como Ailton Krenak, Daniel Munduruku, Olivio Jekupé, Luís Gomes Lana, Gabriel Gentil.

A coleção *Narradores indígenas do Rio Negro*, cuja primeira publicação ocorreu em 1995, com o livro *Antes o mundo não existia*, de Toramu Kehiri e Umusi Parokumu, feita em parceria com a Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, desdobrou-se em mais oito publicações de autoria dos povos do noroeste amazônico, e é um exemplo de produções da atualidade. Essa coleção é constituída por narrativas dos mitos cosmogônicos, sob a perspectiva das etnias Tukano, Desana, Oyé, Baniwa, entre outros. Nela se inserem as obras dos autores indígenas que analisaremos no presente artigo.

Em *La idea de América Latina* (2005), Mignolo aponta paradigmas eurocêntricos que norteiam as instituições, as políticas e os saberes e afirma que a modernidade, os pensadores europeus e seus conceitos foram transplantados

para os países colonizados e impostos como verdades universais. Desse modo, revelam-se as relações desiguais que constituem a sociedade. Assim, essa produção literária revela uma visão de mundo diferente daquela trazida pelos europeus.

O continente americano existe como consequência da expansão colonial europeia e os relatos dessa expansão são do ponto de vista europeu, da perspectiva da modernidade. (MIGNOLO, 2005, p. 9)

A assimetria de poder nas relações sociais revela a visão eurocêntrica sobre a alteridade e nos leva à reflexão de como a colonização atinge as subjetividades:

A colonização do ser consiste nada menos que em gerar a idéia de que certos povos não formam parte da história, de que não são seres. Assim, enterrados abaixo da história europeia desde o descobrimento, estão as histórias, as experiências e os relatos conceituais silenciados dos que foram excluídos da categoria de seres humanos, de atores históricos e entes racionais. (MIGNOLO, 2005, p. 30)

As obras literárias indígenas, nesse contexto, assumem importância política, pois revelam outros saberes, cujas bases epistemológicas não se originam na modernidade e colonização europeia. Para compreender essas narrativas é preciso situá-las em seus contextos culturais, constituídos por referências espaço-temporais específicas e olhar criticamente para a nossa própria representação cartográfica:

[...] A divisão do mundo em continentes conforme a cosmologia cristã correspondia a uma invenção cristã isolada que mais tarde foi aceita pelo mundo inteiro. (MIGNOLO, 2005, p. 51)

Nesse artigo, tentaremos elucidar o simbolismo da casa nas culturas tukano e desana, a partir de textos publicados por indígenas dessas etnias. As narrativas produzidas por esses autores revelam concepções de mundo específicas dos povos da região do Alto Rio Negro, que foram reprimidas e proibidas durante o processo civilizatório justamente por não fazerem parte da cosmologia cristã.



1. A destruição das casas sagradas

Os artistas Gabriel Gentil, da etnia Tukano, e Luís Lana (cujo nome indígena é Toramu Kehiri), do povo Desana, nasceram na região denominada *Área Cultural do Rio Negro* (RIBEIRO, 1995, p. 17), localizada no Amazonas, que abriga diversos afluentes como Rio Tiquié, Papuri e, além disso, faz fronteira com a Colômbia.

Essa área cultural caracteriza-se por um conjunto de etnias como Tukano, Desana, Maku, Baniwa, entre outras, que atribuem a criação do universo à deusa Yepá (Avó do Universo) e aos deuses trovões, cujas realizações e ensinamentos formam uma complexa cosmogonia (LANA; LANA, 1995). Os Tukano, Desana e demais povos da Área Cultural do Rio Negro praticam rituais de iniciação masculina, sendo as flautas sagradas um símbolo tradicional emblemático. Casam-se entre si, constituindo um complexo cultural em que as etnias são interdependentes.

Antes da colonização, os povos da Área Cultural do Rio Negro viviam em moradias coletivas, as casas sagradas, chamadas também de *malocas*, que constituem um elemento simbólico central na mitologia e concepção de mundo dessas populações.

As atuais comunidades Tukano e Desana, assim como outras da região, são as sobreviventes do processo que se consolidou em 1763, quando o capitão José da Silva Delgado foi destacado para fundar vários povoados no Alto Rio Negro. Datam desta época os primeiros mapas e as primeiras listas dos povos que habitavam a região (BUCHILLET, 1992). Nesse período, iniciou-se a captura regular de indígenas usados como mão de obra escrava para a construção das vilas coloniais. A depopulação pela varíola e a escravidão dos anos seguintes originaram revolta entre as comunidades. Seguiram-se as explorações do ciclo da borracha e as atividades missionárias.

Em 1927, o etnólogo Curt Nimuendaju (1950, p. 173) concluiu que as relações entre índios e civilizados, os brancos, da região, estavam

“irremediavelmente estragadas”. Destacou a transformação brutal dos modos de vida tradicionais, causada pela relação de exploração e discriminação entre indígenas e não-indígenas, assim como a desestruturação dos modos coletivos de organização social.

O seguinte relato ilustra a dimensão da violência cometida contra os indígenas pelos colombianos e brasileiros:

A passagem desta gente pelas malocas, mesmo na margem brasileira, toma às vezes o caráter de um verdadeiro assalto de bandidos quando eles, armados até os dentes e debaixo de tiros, invadem as moradas para ‘sacar índios’. Estes, atemorizados, não oferecem a menor resistência. Como já ficou dito. O abuso apresenta-se então desafortadamente: não respeitam nem propriedade nem pessoa. As fêmeas desde a menina impúbere até a mulher casada lhes pertencem, e com a arma em punho sufocam qualquer protesto, do pai ou do marido. Roubam o que lhes parece aproveitável e embarcam nas suas canoas debaixo de pancadas aqueles homens que lhes devem trabalho. Às vezes carregam meninas e mulheres também enfatiados delas, abandonam-as depois em qualquer ponto da margem (NIMUENDAJU, 1927, p. 176).

Nimuendaju (1950, p.180) destaca a presença da missão salesiana como importante fator de proteção aos indígenas da região contra os saques, assassinatos e exploração: “Forçoso é reconhecer que numa zona onde o índio só recebe ultrajes de todos a Missão Salesiana representa enorme vantagem para este.”

Porém, Nimuendaju aponta a aversão dos missionários em relação à cultura da região:

Prejudicado é o índio pelo missionário especialmente devido à comprovada incapacidade deste de compreender e fazer justiça a uma cultura qualquer que não seja a presente cultura cristã. A intolerância inerente ao seu ofício obriga a ver em cada índio um objeto de conversão religiosa, incompatibiliza-os com o cargo de protetor da individualidade indígena. A publicação do Monsenhor Pedro Massa: ‘Missão Salesiana no Amazonas’, é a mais eclatante prova do pouco conhecimento que estes religiosos possuem da cultura indígena [...] o índio no seu estado de cultura primitiva causa-lhes medo e nojo [...] No entanto, a maloca é uma das mais importantes características instituições da cultura indígena. Alega-se que as malocas,



devido à sua construção sem janelas, sejam prejudiciais à saúde, e pela convivência íntima de diversas famílias debaixo do mesmo teto, prejudicial à moral [...] o principal motivo, porém, de aversão do missionário contra a habitação coletiva é outro. É que ele vê nela, e com toda a razão, o símbolo, o verdadeiro baluarte daquela organização e tradição primitivas, daquela cultura pagã, que tanto contraria seus planos de conversão e domínio espiritual e social... (NIMUENDAJU, 1950, p. 181).

Em 1914, os salesianos iniciaram sua atuação no Rio Negro e desenvolveram ações meticulosas para a destruição da cultura local. Primeiramente, convenceram as comunidades a abandonarem suas moradias coletivas. Elas eram grandes casas comunais onde moravam famílias extensas e, também, eram realizados seus rituais, fatos que revelam uma estrutura importante e fundamental na vida dessas populações. Alegando falta de higiene e promiscuidade, os salesianos ridicularizaram os costumes tradicionais, proibiram a prática de rituais e separaram as crianças de seus pais, para serem educadas em internatos.

Um dos pontos programáticos da Prelazia do Rio Negro era:

[...] Transformar gradativamente as malocas, primeiro em uma série de choupanas e depois, em casinhas de madeira. A grande maloca é perigosa demais, tanto do lado moral quanto do sanitário. Comece-se retirando dela os mais jovens para instruí-los no internato gratuito: é o primeiro passo para influir sobre os pais (BÉKSTA, 1988, p.13)

A maloca era considerada “casa do diabo”, antro de orgias, onde se passava vícios de pais para filhos (BÉKSTA, 1988, p. 13), lugar insalubre por não permitir a saída de gás carbônico. Atualmente, não se encontram mais malocas comunais na região.

Segundo depoimento de Joaquina Lana, coletado em pesquisa de campo,

O pai de meu pai ia inaugurar a maloca e convidou os parentes. Estava preparando a zarabatana, os enfeites. No dia em que estavam fazendo isso os padres chegaram. O primeiro foi o padre João, chegou ralhando em Tukano: “Vocês estão fazendo caxiri, isso é pecado, não presta, é coisa do demônio”. Na mesma hora ele disse: não vamos fazer mais isso” e já estava tudo pronto. (MENENDEZ, 2007, p.80)

Luís Lana, coautor de *Antes o Mundo não Existia*, afirmou:

Meu avô foi o único a não sair da maloca e construir casa de barro. As outras famílias fechavam as portas quando ele passava, ele era o diabo. Ele dizia: Meu neto, você deve permanecer junto de seu pai e cuidar de nossa terra... Um dia ele soube que havia a ressurreição [...] meu neto eles estão certos, é isso que diziam nossos antepassados. Chamava os padres de “Baiás do papel”¹. Antes disso queimou a mala² onde estavam todos os objetos rituais dizendo que os tempos haviam mudado e que não haveria isso nas próximas gerações, a mitologia previa a destruição das malocas. (MENENDEZ, 2007, p.81)

A memória individual, ao recordar e reconhecer lembranças, apoia-se num fundamento comum ao grupo. A reconstrução das lembranças opera a partir de dados e noções comuns. Então, essa memória fundamenta-se na memória coletiva, para precisar as lembranças ou mesmo preencher algumas lacunas (HALBWACHS, 1990).

Um depoimento tem sentido apenas em relação a um grupo do qual faz parte, supondo um acontecimento real outrora vivido em comum. Nos depoimentos acima, Luís e Joaquina Lana recordam-se de seus avós para descrever o encontro dos salesianos com os Desana. Não presenciaram a vida nas malocas comunais até a idade adulta, as memórias de sua infância são diferentes daquelas vividas pela geração anterior. Suas memórias passaram-se no internato salesiano, na escola onde os primeiros padres não falavam a sua língua. Além disso, foram catequisados. A vida no internato, a sala de aula e a incomunicabilidade dos professores que não sabiam a língua indígena, a separação entre meninos e meninas são recorrentes na história dos povos indígenas do Rio Negro e seus afluentes.

Em decorrência da teologia da libertação, do Conselho Vaticano II, na década de 1970, a Igreja Católica Apostólica Romana adotou a visão transcultural em relação aos povos indígenas, o que significou, na prática, um

¹ Baiás eram os antigos chefes de dança das cerimônias Desana (MENENDEZ, 2007)

² No mito de origem da noite narrado por Feliciano Lana (2002), o Dono da Noite possuía uma mala onde haviam muitos enfeites para fazer a festa e escurecer o dia.



modo de catequização que tentava compreender as estruturas culturais, conviver com elas para poder transformá-las.

Foi nesse contexto que o salesiano Béksta estimulou Luís Lana e outros indígenas a registrarem a mitologia desana, inclusive pagando pelo serviço. Disso resultou um livro que foi publicado em italiano pela editora Sellerio Editore Palermo, intitulado *Il Ventre Dell'Universo*, no ano de 1986.

2. Gabriel Gentil e Luís Gomes Lana

Apesar de todas as transformações decorrentes dos processos de colonização, a memória das casas sagradas e seu significado simbólico e ritual resistiram entre as gerações. Os livros escritos por Luís Lana e Gabriel Gentil não apenas evidenciam tal fato, mas revelam a tradição dos povos da Área Cultural do Rio Negro.

O trabalho de Luís Lana – elaborado em coautoria com seu falecido pai, Firmiano Lana – é marcado por narrativas míticas e ilustrações publicadas em italiano no livro *Il Ventre Dell'Universo*, organizada por Béksta, conforme citado anteriormente.

Dos manuscritos originais, desdobrou-se também outra versão, em português, intitulada *Antes o Mundo não existia* (1995) e, em espanhol, intitulada *Antes el mundo no existía* (2000). Essas publicações foram organizadas por Berta Ribeiro.

A temática de Luís Lana são os mitos da criação do mundo, da origem da noite, em versão narrativa e pictórica, de acordo com o clã Desana kehiriporã (MENENDEZ, 2007).

A versão original dos manuscritos elaborados por Luís Lana foi considerada longa demais. As publicações existentes são versões reduzidas da original. O caderno manuscrito se encontra na Itália e uma cópia datilografada está com o autor.

Esses fatos não se deram de forma harmoniosa. O artista enfrentou o desprezo da comunidade, inclusive, o seu filho quase foi expulso da escola. Se

ele acreditava naquilo que escrevera, por que mandara o filho ao colégio dos padres?

Nas décadas de 1970 e 1980, ainda era muito difícil encontrarmos publicações ou mesmo algum tipo de estímulo à valorização das culturas indígenas. Assim, a repercussão desse trabalho foi grande, abrindo caminho para que outras pessoas da região também fizessem o registro da cosmogonia e valorizassem sua tradição.

Nas décadas seguintes, formaram-se associações indígenas na região, com infraestrutura para projetos que continuam estimulando a produção de livros com narrativas míticas.

Gabriel Gentil, falecido em 2006, pajé da etnia Tukano, recebeu da Fundação Oswaldo Cruz o título de pesquisador emérito no campo do conhecimento tradicional. O autor ainda trabalhou no Centro de Pesquisa Leônidas e Maria Deane, em Manaus (GENTIL, 2007, p. 213).

Em sua publicação *Mito tukano, quatro tempos de antiguidades (2000)*, Gentil escreve o mito de criação do universo, a partir da tradição oral de seu povo. A publicação contém duzentas e dezesseis páginas e traz o registro de rezas e rituais na língua tukano, constituindo-se esse registro em língua portuguesa e indígena como um importante ponto de afirmação étnica, em um contexto de colonização que durante anos reprimiu a aprendizagem e a fala dessa língua. Nos internatos salesianos, por exemplo, as crianças eram retiradas das aldeias e da convivência dos pais para terem aulas em português.

Após a morte de Gabriel Gentil, o artigo de sua autoria denominado *Bahsariwii - A Casa de Danças* foi publicado em 2007. Nesse texto, o autor descreve costumes e tradições do povo Tukano e sua relação com a mitologia.

Há que se destacar que as publicações das mitologias dos povos do Alto Rio Negro, escritas por eles mesmos, rompem com um longo período de repressão e silenciamento de seus rituais, de suas línguas, impostas pelos processos de colonização. Michael Pollak (1989, p. 6), afirma que o longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência de uma sociedade impotente diante do excesso de discursos oficiais.



Outra forma de resistência ocorre através do espaço (HALBWACHS, 1990). O grupo humano adapta seus hábitos e movimentos ao lugar, ao espaço em que vive. Seus pensamentos são regulados pelas sucessivas imagens exteriores. Na sociedade tukano e desana, a memória coletiva tem seu ponto de apoio criado sobre as imagens espaciais:

Sobre a décima terceira maloca (Diapirowii, maloca das cobras) está a cidade de Manaus. Na cidade de São Gabriel da Cachoeira estão localizadas três malocas: Diámokakuwii (maloca do sêmen), Diáwairowii (maloca do Cacuri) e Dianahsikapaguwii (maloca do grande camarão). A humanidade desembarcou na cachoeira do Ipanoré, no rio Uaupés (KEHIRI E PAROKUMU, 1995).

Entre os povos do Alto Rio Negro, o espaço geográfico e a cosmogonia são indissociáveis. Na concepção desses povos, os rios e cachoeiras foram navegados pelos heróis culturais e a humanidade foi criada dentro das águas dos diversos rios da região.

Nas palavras de Gentil (2007, p. 249):

Da Cordilheira dos Andes os Tukano vieram, foram trazidos pelos brancos espanhóis, chegaram no rio Solimões e rio Negro, rio Amazonas, litoral do Brasil, sendo levados pelos brancos, e chegaram à Baía de Guanabara, Rio de Janeiro, quando o Rio era a capital do Brasil. Depois os Tukano foram trazidos pelos brancos brasileiros, saíram via fluvial com a Canoa Grande. Mas os Mitos secretos dos Pajés, Chefes das Tribos Tukano e outras tribos, ensinaram que era uma cobra grande que estava trazendo os primeiros humanos na Terra. Agora verifiquem a sequência das histórias dos mitos Tukano. Qual é a atual Quarta moradia primitiva dos Tukano que chegaram com corpos humanos que fica em Ipanoré Cachoeira, rio Uaupés? Chegando em Ipanoré Cachoeira, os Pajés, Chefes da Tribo fizeram cerimônia nos lugares anteriores onde passaram. Fazendo cerimônias rituais de origem os Tukano disseram: 'é aqui que nós nascemos, nosso mundo é aqui'.

A compreensão do espaço geográfico, para esses povos, ocorre a partir da identificação desses lugares sagrados, onde se originou a humanidade. As narrativas de Luís Lana e Gabriel Gentil referem-se a estes espaços sagrados e os significados que são compartilhados pelos povos da região, revelando outra

concepção espaço-temporal, completamente diferente daquela imposta pela visão colonial.

Há uma potência grande na produção e fruição da literatura indígena: a afirmação de identidades diante de uma sociedade eurocêntrica e a sensibilização e transformação de leitores não-indígenas que podem, a partir da leitura dessas narrativas, reelaborar sua compreensão a respeito da alteridade.

3. A Casa-universo

Anteriormente abordamos o tema da destruição das casas sagradas (malocas) no contexto da colonização e sob a perspectiva de produções acadêmicas elaboradas por autores não-indígenas.

Nesse tópico do artigo, analisaremos os textos produzidos exclusivamente pelos autores indígenas do Alto Rio Negro, ressaltando a sua perspectiva sobre a origem do universo e o significado da maloca.

Os autores Gabriel Gentil e Luís Lana narram a cosmogonia em que a deusa do universo, chamada Yepá e os deuses trovões originam tudo o que existe. Eles transcreveram e traduziram um volume denso de narrativas orais para as páginas de seus livros, registrando a origem dos rituais, os cantos e cerimônias sagradas que fazem parte de seu legado cultural.

Na tradição tukano e desana, a Avó do Universo formou a terra e os seus pontos cardeais, moradia dos trovões, que ajudaram a criar as florestas, os rios e a humanidade.

Segundo Gentil (2000, p. 21):

Na escuridão existia uma voz que soava
Esta voz é a presença de Mirio (flauta sagrada)
Que é Yeba Bulo...
As músicas andavam dançando
Fazendo carinho
Primeiro ela tinha o corpo em forma de vento
Invisível.
Ela possuía a Vida da Alma
Em forma de vento,
Estava sentada.
Dentro dessa voz, dentro do vento



Vivia por si mesma uma Mulher
Chamada Ye´pa
Ela era chamada ye´pa-Bahuari-Mahso
Gente (fem.) – terra
Gente que apareceu por si mesma.
Ela apareceu no meio dos sons musicais
No meio de nuvem brilhosa
Ela é Gente (fem.) – Música Sagrada.

tinha um corpo invisível,
de Pedra – quartzo,
em forma de osso de bacia

O texto transcrito acima faz referência ao primeiro momento de criação do universo, em que o ser sobrenatural, invisível, feminino ye´pa-Bahuari-Mahso, surge em forma de Música Sagrada. De acordo com a cosmogonia, junto do universo surgiram os trovões, em cada um dos pontos cardeais. Esses trovões ensinaram cerimônias, cantos, danças, sabedorias. Um dos pontos culminantes dessa tradição está no ritual de iniciação masculina, em que os homens detêm o conhecimento das flautas sagradas, cuja visão é proibida para as mulheres.

Em versão diferente da de Gentil (2000), Lana (1986) também inicia a narrativa cosmogônica fazendo referência à Avó do Universo:

No princípio o mundo não existia. As trevas cobriam todas as coisas. Vieram seis coisas misteriosas. A partir dos objetos a Mulher divina passou a existir. As trevas cobriam todas as coisas. Enquanto ela estava pensando, começou a se levantar algo, como se fosse um balão[...] envolveu a escuridão, de maneira que esta toda ficou dentro dele. O balão era o mundo.

Gentil e Lana evocam símbolos importantes da cultura e tradição dos povos Tukano e Desana: o corpo da Deusa, as flautas sagradas, a criação do universo. Essa simbologia é materializada nas grandes casas comunais em que viviam os povos da região antes da colonização.

As malocas eram os lugares em que os rituais eram praticados, em que mundo espiritual e material se encontrava.

Desde o começo do Mundo, foi a criadora Deusa da Terra Yepá, que construiu a primeira Maloca, local na Casa da Terra, *Yepáwii*. Este lugar é o mais antigo da Terra. Assim, no começo do mundo este lugar era a Casa do Céu, *Emesewii*, era a moradia

da criadora[...] *Bahsariwii*: é a Casa de Danças, é Centro de Cultura. Onde os velhos Pajés, com os Chefes, com suas três esposas cada um, é que comandam a Maloca. Fazem as canções e melodias rituais, curam as doenças materiais e espirituais. É um lugar onde fazem várias artes, vários tipos de rituais. E trocam sabedorias, fazem ritos secretos... (GENTIL, 2007).

Nessa grande moradia indígena, realizavam-se rituais, guardavam-se objetos sagrados, como o banco onde se sentava a avó do universo. Cada uma das vigas sustentadoras do teto representava um ancestral da época da criação do mundo. O universo criado pela Avó do Mundo tem a forma de uma grande maloca onde nas extremidades moram os trovões.

Assim a maloca está construída em cima do corpo da Criadora, porque a terra representa a Mulher, é a nossa mãe. É o Deus Pedra Quartzo Branco, o sol, outros Deuses é que a engravidam. Assim as árvores são os cabelos da criadora, o lugar da maloca construído é entre as coxas dela, os morros altos são os seios dela. Todos os tipos de seres vivos, animais e nós humanos somos os micróbios, os piolhos dela... a porta da maloca representa a boca do Criador Deus Pedra... a viga central da maloca representa a coluna vertebral... os esteios centrais principais são Deuses e Deusas que moram na Casa do Céu Emesewii...os caibros são costelas, os cipós amarrados são as veias...Tambor Trocano é coração alma do criador...Lança ritual é transformador, fazedor, multiplicador de gente, é pênis...Todos esses materiais de construção juntos tornam-se deus criador do mundo... (GENTIL, 2007, p.230).

A maloca, lugar sagrado, constituiu-se como o centro de ligação entre os homens e deuses, espaço religioso. A narrativa mitológica, cujo sentido é compartilhado pela cultura da qual faz parte, é registrada por Luís Lana e Gabriel Gentil, estabelecendo interlocução com leitores não indígenas. Num contexto de discriminação e racismo em relação a esses povos, a interlocução com leitores não indígenas caracteriza-se como um importante vetor de difusão cultural.

A clareza da narrativa de Gentil explicita o significado da maloca. A Terra é concebida como o corpo/casa da deusa. Cada árvore, morro, materializa o corpo da Avó do Universo. Ao mesmo tempo em que a casa é universo,



também é personificada, pois materializa-se em corpo, dotado de vida, boca, coração, veias.

Analogamente, as malocas são também corpos dos deuses, dotados de vida. Segundo Gentil (2007, p. 230), os pajés fazem sete cerimônias para transformar a Maloca em Corpo dos Criadores. Na primeira cerimônia, a Terra é transformada no corpo de Yepá. Na segunda cerimônia, os esteios são transformados nos antepassados, moradores da Casa do Céu. Na terceira cerimônia, a Maloca se transforma em corpo do Criador ou Criadora. Nas cerimônias seguintes os pajés se comunicam com os deuses e o poder para curar e proteger as pessoas provém desses rituais.

Todos esses materiais de construção juntos tornam-se deus criador do mundo. Em cada época, nos tempos climáticos, a estrutura das malocas, espiritualmente, elas mudam de posições. Às vezes ele viaja para outros Mundos em busca de comidas e para visitar os parentes dele. Quando ele viaja, só deixa o espírito, roupa dele. Quando ele fica em pé ou anda, é aí que está a evolução dos tempos. Nossos cérebros recebem informações vindas de fora, conhecimento e fenômenos. A Terra costuma tremer. Junto com o Criador costumam chegar outros Deuses, de outros Mundos, invisivelmente. Muitas vezes eles trazem alegrias, riquezas, sabedorias, ou as doenças. Essas coisas nós humanos não percebemos nem olhamos, porque somos muito pequenos... e nós humanos construímos o Mundo em que vivemos durante as nossas vidas. É importante saber: a maloca é como uma pessoa viva. É muito difícil explicar, fazer as pessoas entenderem, acreditarem nessa parte. (GENTIL, 2007, p. 235).

Gentil explicita que a maloca é como uma pessoa viva e destaca a dificuldade dos seus interlocutores não indígenas de compreenderem esse fato. A partir dessa perspectiva, o texto possibilita a compreensão de que a condição humana depende de tudo o que existe no universo.

Considerações finais

A publicação de narrativas como as de Gabriel Gentil, Luís Lana, entre tantas outras existentes no Brasil, revelam concepções da realidade que não

podem ser compreendidas pelos paradigmas impostos pela visão da modernidade e colonialidade.

A diversidade cultural passa primeiramente pelo reconhecimento de tradições que foram duramente reprimidas pelas forças colonizadoras que até a atualidade relegam aos povos indígenas e seus saberes um lugar hierarquicamente inferior.

Segundo Mignolo, a matriz colonial de poder fundamenta-se no ocidentalismo:

Nome da região do mundo e de lugar epistêmico daqueles que classificavam o planeta e que ainda hoje seguem fazendo-o [...] o ocidentalismo não era só um 'campo de descrição' mas também um *locus* de enunciação por excelência (*status* que conserva ainda hoje) ou seja, um lugar epistêmico desde o qual se classificava e categorizava o mundo. (2005, p. 66)

Para além do contexto político, que as narrativas de escritores indígenas abarcam, defrontamo-nos com desafios de compreensão diante de símbolos e significados que não podem ser explicados por concepções eurocêntricas.

Desse modo, podemos conceber as narrativas indígenas como expressões de resistência à colonialidade do saber e do ser, pois elas nos convidam a compartilhar outras visões sobre o mundo e nos permitem perceber a complexidade das subjetividades humanas, constituídas em contextos culturais marcados pela violência da colonização. Constatamos que as perspectivas oriundas das populações indígenas, apesar das tentativas de relegá-las à inferioridade, à invisibilidade e à destruição, são recriadas, recontextualizadas para que seu legado sobreviva entre as diferentes gerações.

Referências

BÉKSTA, KazysJurgis. **A maloca Tukano-Dessana e seu simbolismo**. Manaus: Seduc, 1998.

BUCHILLET, Dominique. **Os Índios da região do alto rio Negro. História, etnografia e situação das terras**. Unb/OSRSTOM, 1992.



GENTIL, Gabriel dos Santos. **Mitotukano, quatro tempos de antiguidades, histórias proibidas do começo do mundo e dos primeiros seres**. Waldugt: Editora, 2000.

_____. Bahsariwii - a Casa de Danças. **Hist. Cienc. Saude- Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 14, supl. dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010459702007000500010&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 29 out. 2013.

HALBWACHS, Maurice. **Memória coletiva e memória histórica**, cap. II, Biblioteca Vértice, São Paulo: ed. Revista dos Tribunais, 1990.

HUGH-JONES, Stephen. **The palm and the plêiades: initiation and cosmology in Northwest Amazônia**. Local: Cambridge university press, 1979.

KEHIRI, Toramu e PAROKUMU, Umusi. **Antes o mundo não existia**, São João Batista do rioTiquié/ São Gabriel da Cachoeira:UNIRT/ FOIRN, 1995.

LANA, Feliciano Pimentel. **A origem da noite/ como as mulheres roubaram as flautas sagradas..** Rio de Janeiro: FUNARTE/ Editora da Universidade do Amazonas, 2002. Série Autores Indígenas.

LANA, Firmiano Arantes e LANA, Luís Gomes. **Antes o mundo não existia**, São João Batista do RioTiquié/ São Gabriel da Cachoeira:UNIRT/FOIRN, 2. ed., 1995.

_____. **Antes el mundo no existia**. Tradução, introdução e estudo de Berta Ribeiro, Hélder Ferreira Motero e José Ibácio Usquiza, Barcelona: Prensa Universitária, 2000.

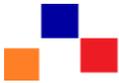
_____. **Ill Ventre Dell´Universo**. Local: Sellerio Editore Palermo, amazônico, 1986.

MENENDEZ, Larissa Lacerda. **Iconografias do invisível: a arte de Feliciano e Luís Lana**. Local: Editora Annablume, 2009.

MIGNOLO, Walter. **La idea de américa latina**. Tradução de Silvia Jawerbawn e Julieta Barba. Local: Gedisa Editorial, 2005.

Ministério da Educação - MEC/SEF/ISA/FOIRN (Brasil). **Povos indígenas do alto e médio rio Negro**, 2. ed., 2000.

NIMUENDAJU, Curt. **Reconhecimento dos Rios Içana, Ayuri e Uaupés**, *Jornal de la Societédes Americanistes*, 1950, n. 39 v. 39, p. 125-182, Disponível em:http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/isa_0_037-9174_1950_num_39_1_2385 Acesso em: 29 nov. 2013. 11:30:30.



POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. **Revista de Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

RIBEIRO, Berta Gleizer. **Os índios das águas pretas**. São Paulo: Companhia das Letras/ Edusp, 1995.

Recebido em 29/02/2014.

Aceito em 10/10/2014.

Larissa Lacerda Menendez

Professora colaboradora e pós-doutoranda no Programa de Pós graduação de Estudos de Cultura Contemporânea (ECCO)/UFMT. Mestre e Doutora em Ciências Sociais pela PUC-SP. Graduada em Educação Artística (FAAP). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Antropologia e Arte. Autora do livro *Iconografias do Invisível: a arte de Feliciano e Luís Lana* (Ed. Annablume/FAPESP, 2009). Desenvolveu pesquisa com povos indígenas Guarani, no Estado de São Paulo, e Desana e Paumari, na região do Alto Rio Negro e Purus, no Amazonas.

E-mail: lamenendez@ig.com.br